

Imigração Italiana: da Ruptura ao Resgate das Origens – Um Estudo de Caso

Maria Luiza Pradella Ramos¹
Maria Eliza Vernet Machado Wilke²

Resumo

O tema da imigração italiana tem sido vastamente estudado em seus aspectos históricos, sociais e culturais. Observa-se, no entanto, uma lacuna no que se refere ao estudo dos aspectos psicológicos, que marcaram a vida de milhares de famílias, que vivenciaram esta experiência. O presente artigo, através do estudo de caso da família Pradella, analisa, de forma sistêmica, as dificuldades que os imigrantes enfrentavam em seu processo de aculturação. Aborda a questão do suicídio, suas consequências e legados para as futuras gerações, e, por fim, apresenta o resgate da cidadania italiana, como forma de elaboração do luto não vivenciado e consequente restituição da dignidade perdida.

Palavras-chave: suicídio; luto; vergonha; imigração; resgate.

Italian Immigration: from Disruption to Rescue of Origins - A Case Study

Abstract

The theme of Italian immigration has been widely studied in its historical, social and cultural aspects. There are, however, a gap in relation to the psychological aspects that marked and staked the lives of thousands of families who experienced it. This article, through the case study family Pradella, systemically analyzes the difficulties that immigrants faced in the process of acculturation. Addresses the issue of suicide, its consequences and legacies for future generations, and, finally, shows the rescue of Italian citizenship as a form of elaboration of grief not experienced and consequent restitution of lost dignity.

Keywords: suicide; grief; shame; immigration; rescue.

¹ Psicóloga, especialista em Terapia Sistêmica pelo Centro de Estudos da Família e do Indivíduo (CEFI).

² Psicóloga, especialista em Terapia de Família e Casal. Mestre em Psicologia Social pela PUCRS. Professora e orientadora no Centro de Estudos da Família e do Indivíduo (CEFI).

Introdução

O presente artigo tem por objetivo o estudo das narrativas das memórias de integrantes da família Pradella, como estudo de caso, tendo como ponto de partida a Teoria Sistêmica.

Conforme Nichols e Schwartz (2007), a Terapia Familiar Sistêmica nasceu nos Estados Unidos, em Palo Alto, Califórnia, na década de 1950. Busca, como referenciais, conceitos de outras ciências, como a biologia, a química, a física e também de outras teorias, como a Cibernética, a Teoria da Comunicação e a Teoria Sistêmica.

A abordagem da Terapia Familiar Sistêmica está voltada para o modo como se estabelecem as relações familiares, como se desenvolvem os padrões específicos de comportamento e como estes padrões são mantidos, adquirindo o caráter de função para o Sistema Familiar, mesmo que sejam prejudiciais aos seus membros, salientam Nichols e Schwartz (2007).

Os mesmos autores (2007) evidenciam uma mudança de paradigma. A Terapia Sistêmica, ao ampliar a visão para além do indivíduo e das questões intrapsíquicas, contempla a ideia de que o contexto, como rede de interações das condições sociais e ambientais, influencia, de maneira significativa, a formação do sujeito.

A partir disso, enfatiza-se, a complexidade do processo de imigração italiana no Rio Grande do Sul, tendo em vista o processo de Aculturação, as questões relacionadas ao suicídio, suas ressonâncias nas gerações futuras e o processo de elaboração, através do resgate da cidadania italiana.

A família Pradella, como estudo de caso, representa apenas um exemplo, num universo de milhares de famílias italianas que passaram pelo processo de imigração.

Neste contexto, visitam-se os anos de 1850, destacando a importância do momento histórico, demarcado pela segunda fase da Revolução Industrial, e sua influência no processo de Imigração.

Este estudo é fruto de minha experiência pessoal, enquanto psicóloga e membro da família Pradella. Tal experiência teve início após conclusão da graduação no curso de Psicologia, quando me deparei com as dificuldades, ao ingressar no mercado de trabalho – passei a considerar a aquisição da cidadania italiana como uma possibilidade de afirmação pessoal e profissional.

Posteriormente, no curso de Especialização em Terapia Familiar Sistêmica,

passei a olhar as questões familiares com outras reflexões. Compreendi que as famílias representam sistemas abertos em interação com o meio em que estão inseridas. Logo, o presente trabalho é, também, consequência deste processo reflexivo.

Contexto histórico da imigração italiana

Uma das características da Teoria Sistêmica é a valorização dos aspectos inter-relacionais, em suas questões culturais, econômicas, políticas e sociais. Nesse sentido, torna-se importante o resgate de algumas questões contextuais, como a segunda fase da Revolução Industrial e as conjunturas da Itália e do Brasil na época da imigração.

A segunda fase da Revolução Industrial ocorreu a partir de 1850, segunda metade do século XIX, e caracterizou-se pelo uso das máquinas e motores para produzir, provocando inúmeras transformações, entre elas, a criação de novos centros industriais e, em consequência, a necessidade de aumento de mão-de-obra.

Conforme Lanzoni (1987, p. 32), estes centros industriais “atraem para a zona urbana, grande quantidade de pessoas, vindas da zona rural, provocando um verdadeiro ‘êxodo rural’”.

A falta de habitações adequadas, de higiene e saúde pública, a inexistência de assistência médica e escolar, o aumento da criminalidade, a prostituição, entre outros problemas sociais, se dinamizam a partir desta urbanização desordenada. O mesmo autor acrescenta, ainda, que nem todos os trabalhadores conseguiam emprego, formando o que designou como “batalhões de reserva” (Lanzoni, 1987, p. 32); formados por desempregados que serviriam como rodízio de mão-de-obra barata.

Em relação à saída dos italianos de seu país de origem, Bertonha (2004) observa que esta não começou em 1870, quando a unificação do país se completou. Ele salienta que, mesmo antes, era comum que comerciantes, artesãos e intelectuais se deslocassem em busca de negócios e oportunidades dentro da Europa e nas margens do Mar Mediterrâneo.

Bertonha (2004) ainda refere que, a partir dessa época, os italianos passaram a emigrar em massa para a América, dando início ao que denominaram de “a grande imigração”.

Maestri (2005) contextualiza que a situação da Itália, quando ocorreu a sua

Unificação, era um país agrícola atrasado, de 26 milhões de habitantes, pobre em recursos naturais e terras agricultáveis; eram frágeis os laços mercantis entre as regiões da península e delas com o comércio mundial, uma vez que subsistiam profundas diferenças entre o mundo rural do norte, do centro e do sul.

Dessa forma, muitos fatores contribuíram para a emigração italiana, conforme Maestri (2005); era comum que os pequenos proprietários fugissem dos pesados impostos ou perderem suas terras para o fisco, para o agiota, para o burguês citadino, para o grande proprietário.

Os emigrantes, segundo Maestri (2005), obtinham gratuitamente o *passaporto per l'estero* (*passaporte para o exterior*) e vendiam as poucas posses e terras, se as tinham. Embalavam seus pertences, despediam-se do *paese* (*país*) e dos que ficavam. Partiam para Gênova, por trem, com escala nas grandes cidades do trajeto, que em geral, não conheciam – Vicenza, Milão, Verona, Padova.

Uma das dificuldades dos imigrantes que chegavam ao Brasil era a comunicação – havia inúmeros dialetos maternos, com os quais se comunicavam, e existia pouco conhecimento a respeito do idioma italiano oficial.

Lorenzoni (2005) anotou em suas memórias que “em qualquer canto do vapor, só se escutava um vozerio incompreensível de dialetos, a maior parte Vênetos e Lombardos, muitos dos quais eu não entendia absolutamente, de modo que me deixava admirado ouvir tantos vocábulos novos, procurando adivinhar-lhes o significado” (p. 115).

Giron (1980) evidencia que, no Brasil, a imigração e a colonização são processos correlatos: “A primeira resolverá o problema da mão-de-obra e a segunda contrapõe a pequena propriedade ao latifúndio, permitindo uma vigilância contínua e um isolamento, que garantiriam a segurança nacional” (Giron, 1980, p. 60).

Maestri (2005) lembra que, nos momentos finais do escravismo, levas de imigrantes foram desviadas, para substituir os trabalhadores escravizados rebelados, ou fugidos das fazendas cafeicultoras. Ele enfatiza que, após a Abolição, multidões de europeus foram atraídas ao Brasil. Tornaram-se, então, um verdadeiro exército rural de reserva de desempregados, desprovidos dos meios de subsistência.

Constantino (2008) especifica que, mesmo antes dos primeiros colonos chegarem ao Rio Grande do Sul, notava-se a presença de italianos nas principais cidades, em especial, Porto Alegre.

Os italianos, em Porto Alegre, na década de 1870, eram, em geral, provenientes da Calábria, de acordo com Constantino (2008), formando um grupo psicossocial em forma de comunidade. Este grupo-comunidade tem permanência temporal, consciência e se encontra unido por laços afetivos, tanto que seus elementos se entrelaçam por compadrio.

Antes do ingresso na Província de imigrantes propriamente ditos, a presença de italianos é evidenciada através de comerciantes e profissionais especializados, que preferem os núcleos urbanos, conforme Constantino (2008).

Berry, Poortinga, Segal e Dasen (2003) constatam que as mudanças ocorridas nos indivíduos após o contato intercultural são importantes, pois configuram o Processo de Aculturação, produzindo efeitos diferentes em ambos os sexos.

Logo, foi possível observar que, inicialmente, os fatores da imigração italiana estavam relacionados com razões econômicas, todavia não se restringiram a elas. Desdobraram-se na complexidade de muitos fatores, entre os quais, cabe evidenciar a relevância do Processo de Aculturação.

Fragmentos de uma história: “Uma viagem sem retorno”

A Família Pradella tem a sua origem na *Comune de Ostiglia*, província de Mantova, localizada na região da Lombardia, norte da Itália. Os dados que seguem foram adquiridos através de relatos familiares, mais precisamente da irmã mais moça de meu avô, Telésforo, filha do segundo casamento de minha bisavó, Giulia.

O casal Ermínio e Giulia residia na *Comune de Ostiglia*, onde tinha uma pequena propriedade agrícola. Conforme relatos, o casal possuía um tambo de leite e fornecia para um convento de freiras. No início do século passado, eles decidiram deixar a Itália, trazendo consigo os filhos pequenos, em busca de melhores condições de vida.

Ermínio embarcou para o Brasil, trazendo consigo a esposa Giulia e os três filhos pequenos; não há relatos de outros parentes. Acredito, todavia, que tenham vindo outros familiares, pois a família Pradella encontra-se espalhada por vários estados do Brasil, principalmente: São Paulo, Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul. A maioria veio para o Brasil, como colonos, os Pradella, como comerciantes. Isso só foi possível após a decisão de venderem o pouco que possuíam na Itália.

Este casal tinha outra particularidade, que os diferenciava dos demais imigrantes. Ermínio decidiu estabelecer-se em Porto Alegre, onde montou um pequeno comércio, diferentemente, da maioria dos imigrantes, que iam diretamente para as colônias. Tal decisão fez com que a família nuclear, formada por ele, a esposa e os filhos, se distanciassem dos outros familiares, isolando-os da família extensiva. Segundo relatos, uma das características de Ermínio era ser uma pessoa de boa índole, e, também, o fato de ser solidário com os outros imigrantes.

Este sentido de solidariedade com os conterrâneos, que, assim como ele, viviam em situação difícil, levou-o a “vender fiado”, o que, paulatinamente, escasseou os poucos recursos financeiros que tinha, culminando com a falência.

Consta que, após a falência, Ermínio cometeu suicídio jogando-se num poço, deixando o seu cachimbo na borda para sinalizar o seu gesto. Não sei quanto tempo transcorreu desde a chegada ao Brasil até o acontecimento trágico. Giulia buscou abrigo na colônia, onde conheceu o seu segundo marido, com quem teve uma filha. Após, se mudaram para Porto Alegre.

Pouco se sabe a respeito de como viviam, pois a família dispersou-se: os filhos homens não se adaptaram à colônia e retornaram para Porto Alegre, indo trabalhar na construção civil. Telésforo tinha cinco anos, quando veio para o Brasil. Na adolescência, sentia muita vergonha do seu nome, pois era motivo de chacota, e, quando teve que fazer documentos, adotou o nome de Luis.

Através do trabalho na construção civil, mais precisamente na construção do Arsenal de Guerra, que Luis veio para General Câmara, onde conheceu Maria Catarina, que era de origem indígena e tinha sido adotada por uma família de alemães; casaram-se e tiveram nove filhos.

Telmo, filho de Luis e Maria, desde criança, trabalhava, na oficina mecânica que possuíam, onde aprendeu seu ofício e desenvolveu seu fascínio por automóveis.

Luis tinha, também, um “carro de praça”, como denominavam os táxis na época, o que levou Telmo a aprender a dirigir muito cedo. Adquiriu a sua carteira de motorista aos 11 anos, fato do qual muito se orgulhava; cresceu e tornou-se adulto, sempre trabalhando para a família de origem, até mesmo após o seu casamento com Zélia, com quem teve cinco filhos.

Zélia já esperava o segundo filho, quando Telmo decidiu trabalhar para sustentar a própria família. Surgiu um comprador, para os maquinários da oficina de Luis, que levou consigo Telmo, como sócio, fato que gerou muitos conflitos.

Iniciei minha vida profissional em Porto Alegre, para onde me mudei, aos 19 anos, e, trabalhei como professora na Rede Pública Estadual, enquanto realizava o curso de Psicologia; fui a primeira dos cinco filhos a concluir o curso superior e a primeira psicóloga da família.

Na busca pelo espaço profissional, deparei-me com as dificuldades inerentes a este processo, visto que não tinha referências familiares que me guiassem. Neste momento, a ideia de conseguir a cidadania italiana surgiu como um desafio e uma perspectiva de futuro.

Comecei a pesquisa consultando minha avó, Maria Catarina, que disponibilizou os documentos de Luís, para iniciar o processo junto ao consulado. Com os documentos existentes, consegui, junto ao Ministério do exterior, a Certidão Negativa de Naturalização de Luis, documento imprescindível para dar início ao processo.

A primeira tentativa fracassou, quando o Consulado exigiu a apresentação de um documento italiano, o que não tinha. A partir deste momento, iniciou-se uma fase de muitas buscas e revelações a respeito da história da família. As informações eram precárias, e foi necessário conversar com alguém que pudesse dar indicadores mais precisos da cidade de origem, na Itália.

A irmã mais moça de Luis, filha do segundo casamento de Giulia, foi a pessoa chave para esta pesquisa, a qual informou sobre a cidade de origem, na Itália, o que faziam e como viviam lá. Diante de tais dados, e, orientada por meu professor de italiano, na época, escrevi uma carta para o *Sindaco* da *Comune de Ostiglia*, na Itália, e solicitei a certidão de nascimento de Telésforo.

Após o recebimento do documento italiano, que faltava, deparei-me com um novo desafio, o de comprovar que Luis e Telésforo eram a mesma pessoa, o que foi feito através de um processo judicial. O que até este momento estava sendo guiado pelo meu interesse, a essa altura dos fatos já era de grande interesse familiar.

Uma nova fase teve início, a partir de então, a de proceder à alteração do nome de Luis, para Telésforo, nos documentos, de todos os familiares, interessados no processo de aquisição da cidadania italiana. Como é o critério do Consulado, Ítalo, que era o filho mais velho de Telésforo, ficou como o responsável pelo grupo familiar, até a apreciação final do processo.

Após a culminância deste processo, que durou aproximadamente dez anos, houve a concessão da cidadania italiana aos descendentes de Ermínio. Isso permitiu que alguns integrantes da família Pradella emigrassem por vários

países, inclusive a Itália.

Migração e o ciclo de vida familiar

McGoldrick e Carter (1995) assinalam que “a migração é tão disruptiva em si mesma, que poderíamos dizer que ela acrescenta um estágio extra, completo, ao ciclo de vida daquelas famílias que precisam negociá-la” (p. 77). O reajustamento à uma nova cultura é de forma alguma apenas um simples evento, mas constitui um prolongado processo desenvolvimental de ajustamento, que afetará os membros da família de modo diferente, dependendo de sua fase de ciclo de vida no momento da transição. “As famílias, que migram com crianças pequenas, talvez fiquem mais fortalecidas por terem uns aos outros, mas ficam vulneráveis à reversão das hierarquias geracionais”, conforme McGoldrick e Carter (1995, p. 77).

Se “a família migra com filhos pequenos (e ainda mais adolescentes), existe a probabilidade de que os pais se aculturem mais lentamente do que os filhos, criando uma problemática reversão de poder na família. Caso os filhos precisarem assumir a tarefa de interpretar a nova cultura para os pais, a liderança paterna pode ficar tão ameaçada, que os filhos são deixados sem uma autoridade adulta afetiva para apoiá-los e sem uma identificação positiva com seu background étnico, para amenizar sua luta com a vida nessa nova cultura”. (Lappin & Scott, 1982, p. 77).

Rodrigues, Strey e Pereira (2007, p. 177) observam que:

Os processos migratórios não só interferem na urbanização do local, como também influenciam a identidade cultural. Quando a pessoa emigra, fisicamente, isso não quer dizer que tenha emigrado, emocionalmente, pois ultrapassar as fronteiras geográficas não se constitui na maior tarefa da migração, mas sim transpor as barreiras sociais, econômicas, culturais e linguísticas.

A adaptação conforme Berry (2002) implica desaprender algum repertório comportamental, que não é mais apropriado, e aprender um novo repertório que seja compatível com o novo contexto social e cultural. Na emigração, a pessoa é levada a pensar e raciocinar no idioma da comunidade local, dentro de um contexto diferente do que é acostumado.

Nos casos em que a pessoa percebe a experiência migratória, como

geradora de estresse, e ela ou ele não tem uma boa resposta de enfrentamento, podem aparecer a depressão e a ansiedade.

Essas questões também são consideradas por Sebben (1996), ao enfatizar que há a possibilidade de o indivíduo manifestar alguma doença física ou psicológica, porém a gravidade da enfermidade, também está relacionada ao contexto da migração, isto é, sozinho ou em grupo.

O suicídio e os símbolos

Werlang e Oliveira (2006) consideram que a dor de fundo emocional coloca o indivíduo num sofrimento que o deixa em um estado de precariedade psíquica que pode ameaçar sua identidade. Quem padece de dor psicológica parece despojado de prazeres e da alegria da vida, sente-se excluído, privado, num sofrimento muitas vezes incomunicável.

As autoras acima citadas (2006) enfatizam que a dor psicológica é vivida como um ataque aniquilador, um desmoronamento. Assim, afetivamente, caracteriza-se por uma emoção negativa, que expressa sofrimento, mal-estar e um padecimento devastador. O comportamento suicida, por exemplo, escancara uma situação psicológica que se associa com a incapacidade do indivíduo de encontrar alternativas para superar uma extrema dor psicológica.

Segundo Becker (1998), “de todas as coisas que movem o homem uma das principais é o medo da morte” (p. 129). A afirmação coloca-nos diante do instigante dilema do suicídio. Se o que move o homem é o medo da morte, que forças o moveriam em direção a ela? O que estaria por trás de um ato tão radical e definitivo?

Para Cassorla (2004), o suicídio deve ser abordado como uma dimensão, que integra um possível contínuo de comportamentos que pode partir de pensamentos de autodestruição, passando por ameaças, tentativas de suicídio e, finalmente, a concretização.

Sobre a decisão de morrer, Gutstein (1991) refere que o suicida deve não acreditar mais que as coisas podem mudar; que elas podem melhorar. Ele diz que o suicida chegou à conclusão de que não importa o quão irracional esta premissa possa ser, a vida não vale a pena ser vivida no presente e que algo foi perdido ou alterado, tornando certo o fato de que a vida nunca mais valerá a pena ser vivida.

Maris (2005) compreende “a desesperança presente nos tentadores de

suicídio como uma inflexibilidade cognitiva, pois se trata de uma dificuldade em acreditar que existam alternativas não suicidas para os seus problemas do cotidiano” (p. 130).

Parece ter sido esta a conclusão de Ermínio, quando decidiu suicidar-se, deixando apenas o seu cachimbo na borda do poço, sinalizando seu gesto, carregado de simbolismo.

Para Chevalier e Gheerbrant (1997) “o poço se reveste de um caráter sagrado em todas as tradições: ele realiza uma espécie de síntese de três ordens cósmicas: céu, terra, inferno; de três elementos: a terra, a água e o ar – é uma via vital de comunicação” (p. 726).

Sobre o simbolismo do cachimbo sagrado, os autores (1997) afirmam que ele representa “o homem primordial, erguido no centro do mundo, portanto no Eixo do Mundo, a realizar, através da prece que a fumaça do tabaco materializada – fumaça essa que nada mais é senão o sopro e a alma” (p. 150).

Os simbolismos do poço e do cachimbo podem refletir a profunda solidão de Ermínio; assinalam o abismo em que se encontrava. Distante da terra natal, de onde fora obrigado a emigrar, por não conseguir o sustento da família, através do trabalho no campo, ele vê, novamente, seus esforços fracassarem. Desta vez, num país distante, totalmente isolado do apoio da família, tão importante para os italianos.

Rotunno e McGoldrick (1982) afirmam que:

Para os italianos, não existe família nuclear. Para esse grupo, família costuma referir-se a toda rede ampliada de tios, tias, primos e avós, que estão todos envolvidos nas tomadas de decisões familiares, que passam juntos os feriados e os pontos de transição do ciclo de vida, e que tendem a viver em estreita proximidade, se não na mesma casa (p. 66).

Os mesmos autores (1982) salientam ainda que, para os italianos, a família ampliada é procurada e irá aconselhar a respeito dos conflitos e problemas que o casal pode ter um com o outro ou mais tarde com seus filhos. Nas famílias italianas, espera-se que os homens manejem todas as questões fora da própria família.

A decisão de emigrar coloca Ermínio diante de uma complexidade de situações, dentre elas a opção de vir para a zona urbana, ao invés de ir para as colônias, como a maioria dos imigrantes na época, isolando ainda mais a família do convívio com os demais.

Sluzki (1997) observa que “o processo de migração é um experimento natural de ruptura e reconstrução da rede social. Quando uma família muda de localização geográfica (e mais ainda, quando essa mudança inclui uma migração que transcende os limites culturais), cada membro abandona numerosos segmentos de sua rede social pessoal” (p. 88).

Ainda, conforme Sluzki (1997):

Isto deveria corresponder a um período de luto pessoal. No entanto, na prática, esse processo de luto é minimizado e evitado em função da necessidade prioritária de adaptação ao novo ambiente. As habilidades adaptativas incluem os esforços, para desenvolver uma nova rede, que poderia substituir, pelo menos em parte, os vínculos e as funções, perdidos durante o processo migratório (p. 89).

O mesmo autor (1997) ressalta que, “enquanto este processo de reconstrução da rede acontece, muitas funções interpessoais, desempenhadas pela antiga rede, permanecem insatisfeitas. Durante esse período, que pode durar anos, a família se encontra num estado de stress crítico” (p. 89).

Além da natural dificuldade com o novo idioma, a existência de inúmeros dialetos maternos e o pouco conhecimento do idioma italiano oficial, na época da emigração, dificultava o processo de comunicação entre os próprios imigrantes, constituindo um complicador para a reconstrução de novas redes de apoio, que poderiam minimizar a ausência da família.

Outra particularidade importante é que Ermínio decide estabelecer-se como comerciante – atividade com a qual não estava familiarizado, uma vez que em sua terra natal sobrevivia como camponês.

Ao vir para Porto Alegre, esses fatores se potencializam, visto que os italianos que emigraram para esta região, na década de 1870, eram, em geral, provenientes da Calábria, de acordo com Constantino (2008), e constituíam um grupo psicossocial, acostumado a viver em comunidade, unido por laços afetivos e culturais.

Assim, sem o apoio da família extensa e sem redes de afinidades, o jovem casal, com filhos pequenos, conta apenas um com o outro para solucionar todos os conflitos.

Sluzki (1997) refere que, nestas ocasiões:

Tende-se a esperar que o cônjuge se converta numa fonte decisiva de apoio emocional, mesmo se, de fato, essa função tenha sido previamente

satisfeita de forma eficaz por amigos ou outros familiares (pais, irmãos) e, portanto, as habilidades necessárias, para desempenhar essa função não foram desenvolvidas de maneira eficaz dentro do casal (p. 89)

O velho cachimbo, companheiro de suas reflexões, parece desta vez não ter conseguido apaziguar as suas angústias, tampouco fazê-lo vislumbrar sequer uma tênue esperança de restituir sua dignidade como chefe de família. O sonho de uma nova vida, para Ermínio, terminava ali.

O legado

Shneidman (2013) acredita que:

A pessoa que comete suicídio coloca seu esqueleto psicológico no mundo emocional da pessoa enlutada, sentenciando a pessoa enlutada a lidar com muitos sentimentos negativos e, além disso, tornar-se obcecada por pensamentos em relação ao seu próprio papel atual ou possível papel em ter precipitado o suicídio, ou impedido que ele ocorresse. Pode ser uma carga pesada (p. 129).

A partir do suicídio de Ermínio, a família enfrenta novos e importantes desafios. Sobreviver à perda e aos sentimentos a ela relacionados torna-se um poderoso ingrediente, associado às dificuldades, inerentes ao processo de adaptação à nova cultura, e à falta de redes de apoio significativas. A ausência de informações sobre este período de luto é reveladora do significativo trauma que abalou a família.

Lazare (1998) considera o luto um processo social, no qual salienta três condições sociais que podem pressagiar ou desencadear reações de luto complicadas. A primeira é um caso no qual a perda é, socialmente, não comentada, o que, frequentemente, acontece no caso de morte por suicídio. Existe uma tendência da família e dos amigos de não falar sobre as circunstâncias da morte. Esta conspiração de silêncio causa muitos danos às pessoas enlutadas, que podem precisar falar com os outros sobre o seu luto. Um segundo fator é quando a perda é socialmente negada, em outras palavras, quando a pessoa e aquelas pessoas a sua volta agem como se a perda não tivesse ocorrido. Uma terceira dimensão social que pode causar complicações é a ausência de uma rede de apoio social – ela pode estar ausente pelo isolamento social.

Esses fatores podem ser claramente observados no silêncio familiar que perdura por gerações; quando o tema suicídio surge é carregado de mistérios e interrogações. Ninguém sabe nada sobre o ocorrido; a data do acontecimento e o local onde o corpo foi enterrado são desconhecidos – é como se Ermínio não tivesse existido.

A esse propósito, Worden (1998) observa que:

De todos os sentimentos de uma pessoa de luto por um suicídio, a vergonha é o que predomina. Em nossa sociedade, há um estigma associado ao suicídio. As pessoas enlutadas é que tem que passar pela vergonha, depois que uma pessoa da família tira a própria vida, e sua sensação de vergonha pode ser influenciada pela reação dos outros (p. 114).

Fossum e Mason (1986) salientam que a vergonha é um senso íntimo de ser completamente diminuído, ou ser insuficiente como uma pessoa. É o *self*, julgando o *self*. Um momento de vergonha pode ser uma humilhação dolorosa ou uma indignidade tão profunda que o indivíduo sente-se roubado de sua dignidade ou exposto como basicamente inadequado, mau ou digno de rejeição. Um senso abrangente de vergonha é a premissa contínua de que o indivíduo é, fundamentalmente, mau, inadequado, defectivo, indigno ou não completamente válido como um ser humano.

O senso de vergonha parece ter atingido intensamente Telésforo, filho de Ermínio, que decide trocar de nome. A palavra “Telésforo” vem do grego *Telesphóros*, e significa “o que leva até o fim”. É também o nome de um papa da igreja cristã romana, que reinou entre 126 e 136, sendo indicado para substituir o Papa Sisto I, como o oitavo pontífice depois de São Pedro³. O simbolismo do nome é revelador de quanto os valores da igreja católica, que considera o suicídio, um pecado mortal, estavam arraigados à família.

Para Steinglass (1989), o Legado é como uma cápsula do tempo na qual a família coloca os elementos que, na forma mais condensada, comunica às gerações futuras a essência da família atual. É um fenômeno que revela, para as gerações seguintes, os principais aspectos da família atual e o que se espera que tenha continuidade.

Bozormeny–Nagy e Spark (2003) consideram a importância do conceito de Legado, que é transmitido de geração para geração, revelando uma extensão transgeracional do princípio da delegação. Eles resgatam a etimologia da

³ Disponível em: www.dicionariodenomesproprios.com.br/. Acesso em: 05 nov. 2012, 16h56min.

palavra *lealdade* que deriva do idioma francês *loi, lei*, implicando atitudes de acatamento à lei. Enfatizam que as famílias possuem suas próprias leis, que são compartilhadas, através de expectativas.

A lealdade, como atitude individual, conforme os autores acima citados (Bozormeny–Nagy & Spark, 2003), envolve a identificação com o grupo, autêntica relação com os outros membros, confiança, responsabilidade, compromisso, fé e firme devoção. Com isso, sinaliza o sentimento de pertencimento a um grupo e aparece, ao mesmo tempo, como uma característica do grupo e como uma atitude individual.

Ao escolher o nome de Telésforo, Ermínio reafirma os valores da cultura italiana, fortemente marcados pela igreja cristã, e atribui ao filho, simbolicamente, o compromisso de transmiti-los às gerações futuras. Estabelece, desta forma, o seu Legado.

Outro fator relevante é o fato de o suicídio de Ermínio ocorrer no momento em que Telésforo ingressa na adolescência, período em que as questões relacionadas à identidade são intensificadas.

Para Minuchin (1983), “o sentido de pertencimento de cada membro é influenciado por seu sentido de pertencer a uma família específica” (p. 53). Tal sentimento envolve afeto, liberdade, reciprocidade, histórias compartilhadas e aspectos relativos à condição humana, abrangendo questões conscientes e inconscientes.

O processo de separação/ individuação, segundo Minuchin (1982), requer que a família vivencie diversas fases de desorganização. Assim, o equilíbrio de um estágio é rompido em preparação para outro mais adequado. As fases de instabilidade, marcadas por confusão e incerteza, podem revelar a passagem para um novo equilíbrio emocional, desde que a família seja capaz de tolerar as diferenças entre os seus membros.

McGoldrick e Carter (1995) referem que o estresse familiar é, geralmente, “maior nos pontos de transição de um estágio para o outro no processo desenvolvimental familiar, e os sintomas tendem a aparecer mais quando há uma interrupção ou deslocamento no ciclo de vida familiar em desdobramento” (p. 8).

Erikson (1968), situado num patamar de valorização da cultura, diferentemente das ideias clássicas de Freud, assinala que:

A identidade do ego, em seu aspecto subjetivo, é a consciência do fato de que existe uniformidade e continuidade nos métodos de sintetização do ego, o estilo de individualidade de uma pessoa, e de que esse estilo coincide com

a uniformidade e continuidade do significado, que a pessoa tem para os outros significantes na comunidade imediata (p. 49).

Para Erikson (1968) a identidade engloba um sentido consciente de singularidade individual, um esforço inconsciente para manter a continuidade da experiência e uma solidariedade para com os ideais do grupo. Ele ressalta, ainda, que os padrões básicos de identidade emergem da afirmação ou do repúdio das identificações infantis, e da maneira pela qual o processo social e histórico da época identifica a geração jovem.

Na opinião de Rocha (1996), a Identidade Cultural dos indivíduos imigrantes sofre influência, na medida em que acabam adotando o modelo de comportamento da nova cultura, a fim de serem aceitos pela nova sociedade.

Ao trocar de nome, o jovem Telésforo, movido pelo sentimento de vergonha e pela necessidade de afirmar a sua identidade na nova cultura, adota o nome de Luis, nome de origem germânica que significa “combatente glorioso”, “guerreiro famoso” ou mesmo “famoso na guerra” (Oliver & Alvim, 2008, p. 165).

Dessa forma, aquele que deveria levar até o fim a tarefa de transmissão da cultura de origem, afasta-se da mesma e do pesado fardo do suicídio e prepara-se para a batalha da sobrevivência, acelerando seu processo de Aculturação.

McGoldrick e Carter (1995) afirmam que “se um progenitor vai embora ou morre, uma outra pessoa pode ser trazida para preencher a função paterna, mas essa pessoa jamais substituirá o progenitor em seus aspectos emocionais” (p. 9).

É o que acontece quando Giulia, viúva de Ermínio, casa-se novamente. Os filhos adolescentes, assim que adquirem maior independência, seguem os seus próprios caminhos, distanciando-se cada vez mais da família de origem que se rompe, de forma definitiva, após a morte de Ermínio. Outro aspecto relevante é o fato de Telésforo, agora Luis, realizar um casamento fora do grupo étnico.

McGoldrick e Carter (1995) salientam que “o casamento inter-racial é temido, porque ameaça a sobrevivência do grupo” (p. 69). Os casais que decidem casar fora do grupo estão procurando um novo equilíbrio do seu próprio *background* étnico. Eles estão se afastando de alguns valores, assim como se aproximando de outros.

Imber-Black (2002) evidencia que a vergonha pode ser conscientemente conhecida ou guardada no inconsciente, em histórias familiares mantidas em segredo e mitos nas famílias. Realça, ainda, que a fidelidade familiar, mantém os

segredos e a vergonha intactos, não importando o seu poder debilitante.

Logo, as escolhas de Telésforo são reveladoras; elas mostram o esforço que precisou empreender para superar a trágica perda do pai, num momento tão significativo do seu processo evolutivo. Mostram um jovem comprometido com a luta pela sobrevivência e que, em detrimento de seu sentido étnico, adapta-se à nova cultura.

O resgate

McGoldrick e Carter (1995) definem a família como “um sistema que se move através do tempo. Diferentemente de todas as outras organizações, as famílias incorporam novos membros apenas pelo nascimento, adoção ou casamento, e os membros podem ir embora somente pela morte” (p. 9).

McGoldrick e Carter (1995) consideram difícil superestimar o tremendo impacto modelador de vida de uma geração sobre aquelas que a seguem. Em primeiro lugar, as três ou quatro gerações devem acomodar-se simultaneamente às transições do ciclo de vida. E ainda referem que “experiências dolorosas, como doença e morte, são particularmente difíceis de serem integradas pela família, e assim, provavelmente tem um impacto de longo alcance nas gerações seguintes” (McGoldrick & Carter, 1985, p. 11).

Após quatro gerações, o suicídio, de Ermínio ainda apresenta ressonâncias em seus descendentes. A vergonha parece permanecer intacta, encoberta pelo silêncio familiar, o que pôde ser constatado quando decidi visitar minhas origens, por ocasião do processo de aquisição da cidadania italiana.

Na época, mais precisamente na década de 80, movida por uma necessidade de afirmação pessoal e profissional, iniciei o processo que descortinaria fatos dolorosos mantidos no inconsciente familiar durante várias gerações; foi, aproximadamente, uma década de envolvimento, desde as primeiras descobertas até a conclusão com o resgate da cidadania italiana.

A primeira etapa foi reveladora de detalhes sobre o local de origem da família, na Itália: o modo de vida que tinham lá, como sobreviviam e como vieram para o Brasil. O distanciamento entre os filhos do primeiro e do segundo casamento de Giulia tornou-se claro, assim como a precária comunicação entre os filhos de Ermínio que, de certo modo, formaram os seus próprios núcleos familiares, mantendo uma relação distanciada com a família extensiva. A impressão que tive é de que Telésforo nunca tinha conversado com os filhos sobre as suas origens.

A burocracia do processo de cidadania marcava o rumo das descobertas. Diante da inexistência de um documento italiano, deu-se início à etapa, que considero decisiva e emblemática, da aquisição da certidão de nascimento de Telésforo, uma vez que todos os documentos que possuíamos eram brasileiros e neles constava o nome de Luis.

O resultado foi exitoso, o documento foi enviado pelas autoridades italianas, o que tornou possível, através de um processo judicial, a comprovação de que Telésforo e Luis eram a mesma pessoa.

Sayad (2000) afirma que o retorno é, naturalmente, o desejo e o sonho de todos os imigrantes. É para o próprio imigrante, mas, também, para o seu grupo, um retorno a si, um retorno ao tempo anterior à emigração, uma retrospectiva. Há a possibilidade de voltar ao ponto de partida, mas, por outro lado, não se pode voltar ao tempo de partida, tornar-se novamente aquele que se era no momento, nem reencontrar na mesma situação os lugares e as pessoas que se deixou.

Os descendentes de Ermínio e Telésforo, através deste processo, resgatam as suas origens. O retorno ao local onde tudo começou, com a dignidade recuperada através da cidadania, é um fato. A sexta geração da família já tem integrantes nascidos em solo italiano a partir de então.

Imber-Black (2002) ressalta a esse respeito que:

Todos, encontramos experiências, na vida, que oferecem uma oportunidade, para o crescimento pessoal. À medida que voltamos à verdade que é devida a um membro da família ou a outros que nos são caros, revelando nossos segredos, começamos, simultaneamente, a consertar as pontes interpessoais rompidas e a curar nossa vergonha (p. 53).

Protagonizar este processo de resgate das origens familiares, trilhando passo a passo por caminhos desconhecidos e até mesmo dolorosos, foi uma experiência única, intensa e enriquecedora. Um exercício de autoconhecimento e de constatação dos poderosos laços que nos unem a nossas famílias de origem.

Considerações finais

Imber-Black (2002, p. 42) lembra que a vergonha tem sido citada como o motivador mais poderoso para o progresso humano. A vergonha torna-se o “motor”, que impulsiona muitos à busca de perfeição, status e prosperidade.

O presente estudo é a comprovação disso: ele é revelador de o quanto a vergonha, guardada no inconsciente familiar, e, conseqüentemente, no meu *self*, tem movido as ações e escolhas ao longo de minha trajetória pessoal e profissional.

Aventurar-me a desvendar os segredos familiares e tentar compreendê-los, coloca-me diante da difícil tarefa de romper com as lealdades familiares, que estão a serviço de manter os segredos guardados no inconsciente familiar, perpetuando-os, mesmo que com isso tenha de enfrentar as possíveis conseqüências por tal ousadia.

Ao recuperar a verdadeira identidade de meu avô e protagonizar o processo, que restituiu a cidadania a todos os seus descendentes, restituo, também, aspectos importantes do meu *self*. Além do aspecto legal, o grupo familiar pôde resgatar, também, a sua autoestima.

Trazer de volta à cena familiar aquele que foi motivo de sofrimento e vergonha, refazendo os seus passos e mesmo que, através de fragmentos, tentar reconstituir os fatos que contribuíram para o trágico acontecimento, é uma maneira de lhe atribuir um novo significado.

Poder ver o homem, por trás do mito, reviver as suas angústias e sentir o peso de suas escolhas, enfim, restituir-lhe as características que o tornam humano, foi uma tarefa dolorosa, porém, restauradora. Possibilitou-me o exercício da empatia, característica fundamental para o trabalho terapêutico.

McGoldrick e Walsh (1998, p.131) evidenciam que "a perda pode criar mitos e superstições a respeito dos perigos do mundo exterior que se transmitem pelas gerações de uma família, influenciando descendentes que não têm consciência das origens das crenças e premissas desde as quais operam".

Espero que este trabalho possa ensinar, não só aos familiares de Ermínio, mas a todos os descendentes de famílias italianas, que viveram a experiência da imigração, a possibilidade de uma reflexão sobre as ressonâncias deste processo em suas vidas.

Na medida em que nos permitimos compreender as histórias de nossas famílias, com um olhar que vai além das representações infantis, podemos sair da posição de meros reatores das forças operantes e assumir o papel de protagonistas de nossas próprias escolhas.

Referências

- Becker, E. (1998). O legado da perda. In F. Walsh, & M. McGoldrick, M. (1998). *Morte na família: Sobrevivendo às perdas* (pp. 129-152). Porto Alegre: Artmed.
- Berry, J. & Poortinga, M. (2002). *Cultural psychology: Research and application* (2a. ed.). Cambridge University Press.
- Berry, J., Poortinga, Y., Segal, M. & Dassen, P. (2003). *Cross cultural psychology: Research and applications*. New York: Cambridge University Press.
- Bertonha, J. F. (2004) *A imigração italiana no Brasil*. São Paulo: Saraiva.
- Borzomeny-Nagy, I. & Spark, G. (2003). *Lealtades invisibles: Reciprocidad en terapia familiar intergeracional*. Buenos Aires: Amorroutu.
- Cassorla, R. M. S. (2004). Suicídio e autodestruição humana. In B. S. G. Werlang, & N. J. Botega, *Comportamento suicida* (pp. 21-34). Porto Alegre: Artmed, 2004.
- Chevalier, J. & Gheerbrant, A. (1997) *Dicionário de símbolos: Mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, cores, números* (11^a. ed.). Rio de Janeiro: José Olympio.
- Constantino, N. S. (2008). *O italiano da esquina: Imigrantes meridionais na sociedade porto-alegrense* (2^a. ed.). Porto Alegre: EST.
- Erickson, E. (1976). *Identidade, juventude e crise*. Rio de Janeiro: Zahar.
- Fossum, M. & Mason, M. (1986). *Facing shame: Families in recovery*. New York: W.W. Norton.
- Giron, L. S. (1980). A imigração no Rio Grande do Sul: Fatores determinantes In Constantino, N. S. (2008). *O italiano da esquina: Imigrantes meridionais na sociedade porto-alegrense* (pp. 51-76) (2^a. ed.). Porto Alegre: EST.
- Gutstein, S. E. (1998). Suicídio de Adolescentes: A Perda da Reconciliação. In F. Walsh & M. McGoldrick, *Morte na família: Sobrevivendo às perdas* (pp. 263-281). Porto Alegre: Artmed.
- Lanzoni, A. (1987). *Iniciação às ideologias políticas* (2^a ed.). São Paulo: Ícone.
- Lappin, J. & Scott, S. (1995). Etnicidade e o ciclo de vida familiar In M. McGoldrick & B. Carter, B. *As mudanças no ciclo de vida familiar: Uma estrutura para a terapia familiar* (pp.65-83), (2^a. ed.). Porto Alegre: Artes Médicas.
- Lazare, A. (1998). Reações anormais de luto: Luto complicado. In J. W. Worden, (1998) *Terapia do luto: Manual para o profissional da saúde mental* (pp. 89-108), (2^a. ed.). Porto Alegre: Artes Médicas.
- Lorenzoni, J. (2005). Babel Colonial. In M. Maestri, (2005) *Os senhores da Serra: A colonização italiana do Rio Grande do Sul* (pp. 113-117), (2^a. ed.). Passo Fundo: UPF.

- Maestri, M. (1975). *Os senhores da serra: A colonização italiana no Rio Grande do Sul (1875-1914)* (2ª. ed.). Passo Fundo: UPF.
- Maris, R. W. (2005). Introdução. In B. S. G. Werlang, & M. Keller, Flexibilidade na resolução de problemas em tentadores de suicídio. *Jornal Brasileiro de Psiquiatria*, 128-136.
- Mason, Marilyn J. Vergonha (2002). Reservatório para os Segredos na Família (pp.40-54). In Imber-Black, E. *Os segredos na família e na terapia familiar*. (2ª ed.). Porto Alegre: Artes Médicas.
- McGoldrick, M. & Carter, B. (1995). *As mudanças no ciclo de vida familiar: Uma estrutura para a terapia familiar* (2ª. ed.). Porto Alegre: Artes Médicas.
- Minuchin, S. (1982). *Famílias: Funcionamento e tratamento*. Porto Alegre: Editora Artes Médicas.
- Nasio, J. D. (1997). *O livro da dor e do amor*. Rio de Janeiro: Zahar.
- Nichols, M. P. & Schwartz, R. C. (2007). *Terapia familiar: Conceitos e métodos* (7ª. ed.). Porto Alegre: Artmed.
- Olivier, N. & Alvin, D. (2008). *Um nome para o seu bebê*. São Paulo. Ediouro.
- Rodrigues, R. A., Strey, M. N. & Pereira, J. (2007). Experiência migratória: Encontro consigo mesmo? Percepções de brasileiros sobre sua cultura e mudanças pessoais. *Revista Alethea*, 26, jul./dez., 168-180.
- Rocha, R. (1996). *Depressão e adaptação social numa comunidade de migrantes nordestinos no Rio Grande do Sul*. Dissertação de Mestrado não publicada. Mestrado em Psicologia, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS.
- Rotunno, M. & McGoldrick, M. (1995). Etnicidade e o ciclo de vida familiar. In M. McGoldrick & B. Carter, (1995). *As mudanças no ciclo de vida familiar: Uma estrutura para a terapia familiar* (pp.65-83), (2ª. ed.). Porto Alegre: Artes Médicas.
- Sayad, A.(2000). Travessia especial. *Revista do Migrante*, XII, n. especial, jan. [s.p.]. (São as únicas informações especificadas)
- Sebben, A.(1996). Tornar-se cidadão do mundo é resultado de uma experiência migratória? *Revista Psico*, 27, 129-141.
- Shneidman, E. (2013). Luto em Tipos Especiais de Perdas. In J. W. Worden, *Aconselhamento do luto e terapia do luto: Um manual para profissionais de saúde mental* (pp. 129-157), (4ª. ed.). São Paulo: Roca.
- Sluski, C. E. (1997). *A rede social na prática sistêmica: Alternativas terapêuticas*. São Paulo: Casa do Psicólogo.

Steinglass, P. et al. (1989). *La familia alcohólica*. Barcelona: Gedisa.

Werlang, B. S. G. & Keller, M. (2005). Flexibilidade na resolução de problemas em tentadores de suicídio. *Jornal Brasileiro de Psiquiatria*, 1, 128-136.

Endereço para correspondência

pradellaramospsicologia@gmail.com

Enviado em 10/04/2014

1ª revisão em 04/05/2014

Aceito em 22/05/2014